



COLÉGIO TERESIANO
A Variedade dá Sabor à Vida



Dia da Floresta Autóctone



“Só preservamos o que amamos.
Só amamos o que percebemos.
Só percebemos o que conhecemos.” Baba Dioum

ÍNDICE

Nota Introdutória.....	4
As Árvores.....	5
O que é uma espécie autóctone?.....	8
Qual a importância das florestas autóctones?	8
A necessidade da preservação das florestas autóctones.....	9
As principais ameaças à preservação das florestas autóctones são :	9
Espécies autóctones:	10
CARVALHO PORTUGUÊS (quercus faginea)	10
AZEVINHO (ilex aquifolium).....	11
CASTANHEIRO (castanea sativa)	12
FREIXO (fraxinus angustifolia).....	13
SOBREIRO (quercus suber)	14
AMIEIRO (alnus glutinosa).....	15
AZINHEIRA (quercus rotundifolia).....	16
PINHEIRO MANSO (pinus pinea)	17
LOUREIRO (laurus nobilis)	18
MEDRONHEIRO (arbutus unedo).....	19
A riqueza de uma árvore centenária.....	20
As mais belas florestas de Portugal.....	21
As matas da Peneda Gerês.....	21
Soutos e castiçais – Castanheiro a árvore de fruto e madeira.....	21
Mata Nacional do Buçaco	21
Mata Nacional de Leiria	21
Tapada de Mafra	22
Os Bosques de Sintra	22
As Matas da Serra da Arrábida.....	22
Os Povoamentos de Sobreiro e Azinheira.....	22

Caramulo	22
Alvão	23
Lousã	23
As Florestas dos Açores	23
A Floresta Laurissilva da Madeira	23
Bibliografia	24

Nota Introdutória.

A árvore, para além de exprimir os ritmos do tempo e o correr das estações, é o símbolo da vida, quer como elemento fundamental do espaço natural, ou melhor daquele onde impera a vida em toda a sua complexidade de formas e relações, e como tal exaltada por poetas, sinal de lugares e ambientes.

A árvore, isolada ou constituindo matas, montados, olivais, sebes e debruando as margens de rios e ribeiros, está presente em todas as paisagens tradicionais portuguesas desde as de socalcos no Minho às de colinas e planícies meridionais do Alentejo, quer ocupando os solos mais pobres, as encostas mais declinosas, compartimentando os campos mais férteis, ensombrando as carreiras dos terrenos de feira, as avenidas e alamedas, os jardins e parques públicos, os quintais e jardins privados, está presente desde à muito.

As árvores são elementos essenciais da biodiversidade da paisagem, sem os quais a viabilidade ecológica dos sistemas de vida de que depende a biosfera não é possível.

Oração à Árvore* **

*Tu que passas e ergues para mim o teu braço,
Antes que me faças mal, olha-me bem.
Eu sou o calor do teu lar nas noites frias de Inverno.
Eu sou a sombra amiga que tu encontras
Quando caminhas sob o sol de Agosto,
E os meus frutos são a frescura apetitosa
Que te sacia a sede nos caminhos.
Eu sou a trave amiga da tua casa, sou a tábua da tua mesa,
A cama em que tu descansas e o lenho do teu barco.
Eu sou o cabo da tua enxada, a porta da tua morada,
A madeira do teu berço e o conchego do teu caixão.
Eu sou o pão da bondade e a flor da beleza.
Tu que passas, olha-me bem e ... não me faças mal'.*

*** Albano Q. Mira Saraiva (1913) in *Castanea uma dádiva dos deuses* de Jorge Lage

As Árvores...

As árvores são seres vivos, que podem ser caracterizados como plantas lenhosas terrestres. Possuem um tronco principal e crescem em altura e diâmetro por vários anos.

Como são produtores primários, isto é, realizam a fotossíntese, os seus principais órgão são as folhas, já que é nelas que se dá este processo.

As folhas podem tomar formas tão diversas como as recortadas de um carvalho, as finas e agudas agulhas de um pinheiro ou as inteiras como as dos eucaliptos.

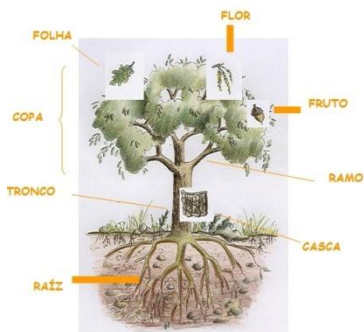
Os ramos organizam as folhas na copa de modo a otimizar a sua exposição ao sol, para fazerem a fotossíntese, evitando a sua sobreposição. O tronco eleva os ramos e as folhas a grande altura, dominando sobre a restante vegetação; tem também a função de transportar a água e os minerais desde as raízes até às folhas e, em sentido inverso, os produtos da fotossíntese até à raízes. Estas, por sua vez, absorvem do solo toda a água e minerais que a planta necessita e, simultaneamente, fixam a árvore à terra. A água absorvida pela planta é praticamente toda evaporada para a atmosfera através da transpiração. É nas folhas que se dá essa perda de água para a atmosfera, através dos estomas. Estes são pequenos poros de abertura variável, através dos quais se dão as trocas de gases (e.g., dióxido de carbono, oxigénio ou vapor de água) com a atmosfera.

Como a árvore é um ser vivo necessita evidentemente de respirar, isto é, precisa de absorver oxigénio e libertar anidrido carbónico. Ao contrário dos animais, nas plantas as trocas gasosas são geralmente diretas dos tecidos para a atmosfera.

As árvores têm dois tipos de crescimento, o crescimento em altura e o crescimento em diâmetro (engrossamento do tronco).

Estes são alguns dos vários mecanismos e processos que permitem às árvores viverem, crescerem e morrerem tal como qualquer outra planta ou ser vivo.

A árvore é um dos símbolos mais ricos e generalizados em todos os tempos e civilizações. Símbolo da vida (em permanente evolução) e da verticalidade (estabelecendo a comunicação entre o mundo subterrâneo e as alturas) é também símbolo do sagrado, da fertilidade, da sabedoria, da segurança e da proteção.





... Prepara os alimentos

3

Cada folha é como se fosse uma pequenina cozinha onde minúsculos pigmentos de cor verde - a **clorofila**, utilizam a luz do sol como energia.

Através duns pequeninos orifícios, a folha retira do ar o gás **dióxido de carbono** que mistura com a **água** e **sais minerais**. Resulta uma mistura - a **seiva elaborada** - que é muito rica em açúcar e vai servir de alimento a toda a árvore.

Durante este "cozinhado", a que se dá o nome de **FOTOSÍNTESE**, a folha liberta **oxigénio** que precisamos para respirar e portanto para viver.



dióxido de carbono

oxigénio



... Transporta a água e os sais minerais para as folhas

2

Através duns pequeninos canais que formam a madeira, a água e os sais minerais sobem então pelo **tronco** e pelos **ramos** e são transportados até às folhas, para aí serem preparados como alimento.



... Procura a água e os sais minerais no solo

1

As **raízes** da árvore penetram na terra por vezes a grande profundidade. Aí procuram a **água** e os **sais minerais** que retiram do solo.



... Transpira

A árvore também transpira. As folhas libertam **vapor de água**, que as ajuda a arrefecer nas horas de maior calor.



vapor de água

dióxido de carbono ... **Respira**

oxigénio

Através dos seus orifícios, as folhas retiram agora o **oxigénio** do ar e libertam **dióxido de carbono** que podem depois utilizar na fotossíntese.



A **seiva elaborada**, o alimento preparado nas talhas é transportada por outro tipo de canais e circula por todas as partes da árvore: raízes, tronco, ramos, flores, frutos e sementes, alimentando-as.

... Alimenta todos os seus órgãos



Água + nutrientes

O que é uma espécie autóctone?

O termo autóctone é sinónimo de nativo ou indígena, isto é, diz respeito a seres vivos originários do próprio território onde habitam.

Qual a importância das florestas autóctones?

É hoje reconhecido o papel fundamental que as florestas têm na conservação do solo, na regulação do clima e do ciclo hidrológico, enquanto suporte de biodiversidade, sumidouro de dióxido de carbono e na produção de matérias-primas fundamentais à nossa vida quotidiana.

Em Portugal, grande parte da floresta natural desapareceu ou está muito alterada, sendo já raras algumas das nossas árvores autóctones. Para tal tem contribuído a adoção de modelos silvícolas baseados na simplificação dos ecossistemas florestais, reduzindo-os a meros conjuntos de árvores alinhadas da mesma espécie, grande parte das vezes exóticas de rápido crescimento. As espécies autóctones estão mais adaptadas às condições edafoclimáticas do território, sendo mais resistentes a pragas, doenças e a períodos longos de estio e chuvas intensas, em comparação com as espécies introduzidas. A importância da preservação das florestas autóctones, devido ao seu papel conservacionista da manutenção da fertilidade do espaço rural, do equilíbrio biológico das paisagens e da diversidade dos recursos genéticos, é reconhecida por diversa legislação nacional e comunitária. O *Quercus suber* (sobreiro) e o *Quercus rotundifolia* (azinheira), representam no seu conjunto, aproximadamente, cerca de 37% da área florestal portuguesa, são protegidas por lei. Sem a devida proteção legal, não se conseguirá travar o desaparecimento desta importante e singular floresta autóctone - os carvalhais portugueses.

A maioria das florestas autóctones, para além do seu valor ambiental, é também um componente importante no que concerne ao pastoreio de percurso de ovinos, nas atividades apícolas e como suporte de cogumelos silvestres. As espécies autóctones caracterizam-se por uma elevada densidade florística, o que por sua vez proporciona uma elevada diversidade de fauna.

“Esperamos que todos saibam reconhecer o valor das florestas naturais de Portugal para que as futuras gerações ainda as possam conhecer e usufruir delas” (*Quercus*, 2004).

A necessidade da preservação das florestas autóctones.

As florestas são o mais forte símbolo da Natureza. Proporcionam um conjunto diversificado de bens e de serviços e constituem um valioso património coletivo, de importância crescente num mundo cada vez mais urbanizado, artificial e afetado por grandes ameaças ambientais.

A floresta é um espaço de vida, diversidade, rico de formas, luzes, cores, movimentos, sons e cheiros, que se transforma em cada momento, ao longo do dia e das estações do ano, e que o homem, através dos seus sentidos, pode captar intensamente.

É preciso descobrir a floresta com os sentidos, a inteligência e o coração, para melhor a conhecer, proteger e valorizar.

O conhecimento das árvores da floresta e da natureza em geral constitui um valor cultural muito importante, que pode ser potenciado pelo aprender a observar e pelo estudo do que se observa. É o prazer de conhecer o nome das árvores, dos arbustos, das flores silvestres, dos animais, dos pássaros e dos seus cantos e também o de identificar as suas características e perceber as suas interligações.

Muitas das nossas matas e áreas florestais (pinhal de Leiria, serra de Sintra, Gerês, Arrábida ou Buçaco e a Laurissilva Atlântica), constituem em si um valiosa riqueza natural – pela sua história, pelo seu contributo para a paisagem, pelas árvores notáveis que encerram, pelo seu património arqueológico, biodiversidade, valor científico e pedagógico e, ainda, pelo seu património construído.

A sua gestão criteriosa passa obrigatoriamente por uma visão pluridisciplinar que incorpore e valorize esses elementos.

A floresta assume, também, numa sociedade progressivamente mais urbana e menos rural, um significado crescente de espaço de recreio e lazer, paisagístico, ambiental e cultural. Os desafios do século XXI para o desenvolvimento sustentável do sector florestal são imensos e as crianças e jovens de hoje são a esperança do amanhã.

As principais ameaças à preservação das florestas autóctones são :

- Espécies exóticas / invasoras
- Incêndios
- Pragas
- Desertificação
- Impacto antropogénico (poluição, construção, monocultura intensiva...)

Espécies autóctones:

CARVALHO PORTUGUÊS (*quercus faginea*)

Descrição: É uma árvore caducifólia (de folha caduca), de porte mediano, tronco geralmente direito, mas pode ser tortuoso, com folhagem tipicamente marcescente, uma vez que as folhas não se desprendem da árvore, mesmo depois de secas. O Carvalho-português pode atingir entre 15 a 20 metros de altura.

Distribuição geográfica: Natural do Sul da Europa e Norte de África, o Carvalho-português sofreu um grande declínio no último século, sendo que prevalece espontaneamente sobretudo em pequenas manchas isoladas no Centro e Sul de Portugal.



Utilização: A sua madeira tem um elevado poder calorífico, sendo por isso utilizada para lenha e carvão. A bolota, fruto do Carvalho-português, é utilizada para alimento animal, nomeadamente para os porcos de montanha. Árvore de grande valor ornamental. O Carvalho-português prefere climas suaves e quentes, dando-se bem em qualquer tipo de solo.



Floração de Março a Abril. Maturação dos frutos entre Setembro e Outubro. Propaga-se por semente. Aceita altitudes até aos 1500/1900 m de altura. Vive cerca de 500 anos.

AZEVINHO (*ilex aquifolium*)

Descrição: É uma árvore ou arbusto de crescimento muito lento, de porte pequeno, tronco erecto, que pode atingir um crescimento até 15 metros de altura. As folhas, verde-escuras, brilhantes, com um bordo fortemente espinhoso nos exemplares mais jovens, persistem geralmente durante três anos.

Distribuição geográfica: Nativo em quase toda a Europa, Norte de África e Sudoeste da Ásia, o Azevinho é uma espécie autóctone rara, que enfrenta uma séria ameaça de extinção em Portugal, sendo por isso totalmente proibida a sua colheita. A principal causa do seu desaparecimento deve-se à excessiva procura para fins ornamentais durante a quadra Natalícia.



Utilização: Devido à sua extraordinária beleza, o Azevinho é usado principalmente como planta ornamental. A sua madeira, bastante dura e homogénea, é sobretudo utilizada na confeção de peças de instrumentos musicais, marcenaria, entre outros. Quando tingida de negro substitui a madeira de ébano, uma madeira muito rara de origem africana. O Azevinho é indiferente ao tipo de solo e prefere estações com pluviosidade alta ou média. Existem cerca de 400 espécies do género *Ilex* espalhadas por todo o mundo.



Floração de Abril a Junho. Frutifica de Outubro a Dezembro. Resistente ao frio. Aceita altitudes até 1800 m de altura. Resistente à poluição urbana. Vive cerca de 500 anos.

CASTANHEIRO (*castanea sativa*)

Descrição: É uma árvore caducifólia, de porte mediano, tronco espesso, com folhas de cor verde-escura na página superior e verde-claro na página inferior, que pode atingir entre 20 a 30 metros de altura.

Distribuição geográfica: Natural em diversos pontos do planeta: Europa, África e Ásia, o Castanheiro é espontâneo em todo o território nacional, com prevalência nas regiões Norte e Centro.

Utilização: A madeira do Castanheiro é utilizada em soalhos, mobiliário, construção naval, tanoaria, produção de tiras para a cestaria, outros...



As castanhas, fruto do Castanheiro, desenvolve-se dentro de uma cúpula espinhosa à qual se dá o nome de ouriço, que entre Outubro e Novembro abre e liberta as castanhas.

O Castanheiro prefere solos ligeiramente ácidos, profundos e ricos em húmus.



Floração de Maio a Junho. Frutifica regularmente a partir dos 20 anos de idade. Propaga-se por semente. Aceita altitudes a rondar os 1000 m de altura. Vive cerca de 1500 anos.

FREIXO (*fraxinus angustifolia*)

Descrição: É uma árvore caducifolia, de porte mediano, tronco espesso e folhas verdes pouco escuras, que pode atingir 35 metros de altura.

Distribuição geográfica: Originário do Oeste Mediterrâneo: Europa e Norte de África, o Freixo é espontâneo em todo o território nacional, com prevalência nas margens de rios e outros sítios frescos.

Utilização: O Freixo é utilizado pela sua madeira resistente e elástica com boas características para a marcenaria e interiores, igualmente utilizada em cabos de ferramenta. As suas folhas estreitas possuem grande interesse ornamental e também servem para alimentação animal.

O Freixo prefere solos frescos, profundos e húmidos, sendo indiferente ao pH.

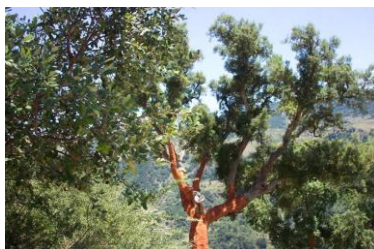


Floração de Fevereiro a Abril. Resistente à poluição urbana. Muito resistente ao frio. Aceita altitudes até 1500 m de altura. Vive cerca de 200 anos.

SOBREIRO (*quercus suber*)

Descrição: É uma árvore de porte mediano, tronco tortuoso e folhas persistentes, com 15-20 metros de altura, atingindo excepcionalmente, nalguns casos, os 25 metros. O tronco ramificado em grossas pernas é revestido por casca acinzentada, algo enegrecida, espessa e fendida, denominada cortiça. O fruto do sobreiro é a bolota.

Distribuição geográfica: Originário do Oeste da Região Mediterrânica: Portugal, Espanha, França, Itália, Argélia e Marrocos, o Sobreiro é uma árvore comum em todo o País, com grande prevalência a sul do Tejo onde surge na forma de montados e mais esporádica na região norte.~



Utilização: Árvore muito importante pelo valor comercial da cortiça, produto do qual Portugal é o primeiro produtor mundial, sendo que a cortiça também serve para proteger a árvore do fogo e fornece abrigo a inúmeros animais, sobretudo insectos e plantas: musgos, líquenes e até algas microscópicas. Os frutos (bolotas) servem de alimento para porcos e a madeira, em virtude do seu elevado poder calorífico, é muito utilizada para a produção de lenha.

O Sobreiro tolera climas com períodos estivais secos e pluviosidade baixa, aprecia no entanto um teor médio de humidade do ar e do húmus, suportando mal as geadas; desenvolve-se bem em todos os solos de textura leve a média e pH ácido ou neutro, mas evita os calcáreos. Os "montados de sobreiro", como "os montados de azinho" encontram-se geralmente em associação com uma outra cultura ou pastagem. Existe também em povoamentos mistos com azinheiras.

Floração de Abril a Junho. Frutifica desde os primeiros anos. Maturação dos frutos no Outono. Propaga-se por semente. Vive cerca de 300 anos. Não vai além dos 500 m de altitude.



AMIEIRO (*alnus glutinosa*)

Descrição: É uma árvore caducifólia que pode atingir até 35 m de altura. O tronco, ereto de porte mediano, apresenta uma casca cinzento-pardo. Possui folhas são ligeiramente orbiculares, com 4 a 10 cm de comprimento. Os frutos são uma espécie de pinha, com 1 a 2 cm de comprimento, primeiro verdes e depois castanho-escuros.

Distribuição geográfica: Originário da Europa, Oeste da Ásia e Norte de África, o Amieiro é uma espécie espontânea em Portugal e pode ser encontrado em quase todo o território com prevalência na região norte e centro.

Utilização: A madeira do amieiro é muito resistente à água e utilizada frequentemente na construção de pequenas peças, brinquedos, construção naval, corpos de guitarras sólidas, graças às suas características acústicas, entre outras utilizações. O Amieiro é uma espécie comum nas margens dos cursos de água, e nos terrenos húmidos ou pantanosos, de preferência ácido, pobre em calcário e de textura médio-compacta.



Floração entre Fevereiro e Março. Frutificação regular e abundante. Propaga-se sobretudo por semente, por estaca ou por mergulhia. Espécie de crescimento rápido, mas de fraca longevidade, vive cerca de 120 anos. Resistente ao frio e à poluição urbana.

AZINHEIRA (*quercus rotundifolia*)

Descrição: Árvore de folhas persistentes, com 15-20 metros de altura. O tronco, curto e tortuoso, tem uma casca acinzentada ou parda. As folhas com cor verde-escura, brilhantes nas faces superiores e esbranquiçadas nas inferiores. O fruto da azinheira é a bolota.

Distribuição geográfica: Originária do sul da Europa, é espontânea em quase toda a bacia do mediterrâneo. Existe em Portugal, principalmente no interior alentejano, explorada em montados, habitualmente em consociação com uma cultura agrícola ou pastagem. Encontra-se também em povoamentos mistos com sobreiro.

Utilização: Usada, principalmente, para produção de fruto, que serve de alimento para porcos denominados de montanha. É também utilizada para produzir carvão, madeira e lenha (madeira com elevado poder calorífico).

A Azinheira é indiferente ao tipo de solo incluindo os esqueléticos. Podem ser solos pobres em húmus, com humidade média ou seca.



Floração de Março a Abril. Frutifica a partir dos 8-10 anos. Renova bem pelo cepo e desenvolve rebentos com facilidade. Vive cerca de 1000 anos. Resistente à poluição urbana.

PINHEIRO MANSO (*pinus pinea*)

Descrição: É uma árvore resinosa, de porte mediano e tronco direito, que pode atingir os 30 metros de altura. Possui uma copa densa, arredondada, em forma de guarda-sol. As folhas são persistentes, de cor verde claras, em forma de agulhas agrupadas aos pares.

Distribuição geográfica: Natural em todo o Sudoeste da Europa e Norte de África, o Pinheiro Manso é hoje em dia uma espécie muito disseminada por toda a bacia mediterrânea, prevalecendo em Portugal um pouco por todo o país.



Utilização: O Pinheiro Manso é uma espécie autóctone muito apreciada pela produção de pinhões comestíveis, constituindo um importante factor de rendimento económico. A sua madeira é utilizada na construção naval, carpintaria, mobiliário e vigamentos. É também uma árvore de elevado valor ornamental, dada a sua extraordinária beleza paisagística.

O Pinheiro Manso prefere climas quentes, com humidade atmosférica e adapta-se bem à secura do solo.



Frutifica a partir dos 15 anos. Resistente ao vento e poluição urbana. Propaga-se por semente. Aceita altitudes até aos 1000 m. Vive cerca de 250 anos.

LOUREIRO (*laurus nobilis*)

Descrição: É uma árvore ou arbusto de folha perene, de porte pequeno, tronco erecto, que pode atingir um crescimento até 20 metros de altura.

Distribuição geográfica: Natural da região mediterrânea, o Loureiro é uma espécie espontânea em quase todo o território nacional, sobretudo em locais sombrios, com solos húmidos e sem geadas prolongadas.

Utilização: As suas folhas são muito usadas em culinária pelo seu sabor muito característico, sendo também utilizadas em chá, indicado para problemas de indigestão.

Na Grécia Antiga as coroas confeccionadas com ramos de louro eram o símbolo da vitória para os atletas e heróis nacionais.



Floração de Fevereiro a Maio. Propaga-se por semente. Pouco resistente ao frio. Não aceita altitudes superiores a 800 m de altura. Vive cerca de 100 anos.

MEDRONHEIRO (*arbutus unedo*)

Descrição: É uma árvore ou arbusto de folha perene, de porte pequeno, tronco tortuoso e casca fendilhada, que pode atingir um crescimento entre 5 a 10 metros de altura. O seu fruto é denominado medronho.

Distribuição geográfica: Natural da região mediterrânica e Europa Ocidental, o Medronheiro é uma espécie espontânea em quase todo o território nacional. Adquire no entanto uma maior prevalência a sul do Tejo, onde inclusivamente se podem encontrar grandes manchas desta espécie autóctone nas serras do Caldeirão e de Monchique.

Utilização: O medronheiro produz frutos comestíveis de grande beleza, bastante apreciados sobretudo no sul de Portugal, onde são usados na produção de licores, aguardentes e compotas. Espécie de grande interesse ornamental.

O Medronheiro prefere solos siliciosos da costa ou da montanha, mas também suporta os solos calcários e pobres em húmus.



Floração de Outubro a Fevereiro. Maturação dos frutos no Outono. Frutifica a partir dos 8 anos. Aceita altitudes até aos 1200 m de altura. Resistente à poluição urbana. Vive cerca de 200 anos.

A riqueza de uma árvore centenária.

Uma árvore centenária é um monumento natural, que pela sua longevidade e imponência, merece ser admirada e preservada.

As características mais evidentes das árvores são as suas grandes dimensões e a sua longevidade. As árvores são os organismos vivos de maiores dimensões e mais idosos que se conhecem no presente. Entre os recordistas mundiais encontram-se as sequóias da Califórnia, com mais de 80 metros de altura e de 11 metros de diâmetro na base. A recordista de longevidade é uma espécie de pinheiro das montanhas da Califórnia e do Nevada, que atinge quase 5 mil anos de idade.

Em Portugal, entre as árvores de maior dimensão destacam-se os eucaliptos, recordistas em altura, e os castanheiros, sobreiros e azinheiras, que frequentemente atingem um porte monumental.

As oliveiras são provavelmente as árvores mais antigas em Portugal, existindo alguns exemplares que se estima terem mais de dois mil anos de idade.

Portugal possui um valioso património florestal cuja referência é feita pela Autoridade Florestal Nacional.

No sítio Web da AFN (Autoridade Florestal Nacional), para além da possibilidade de pesquisar as Árvores de Interesse Nacional e conhecer a sua idade, descrição e localização, é lançado um repto a toda a população para contribuir na identificação deste património de inestimável valor ecológico, cultural e histórico.

Se conhece algum exemplar ou algum conjunto de árvores digno de serem preservados dirija à AFN a sua localização e, se possível, uma imagem.

Para conhecer as Árvores Centenárias nacionais consulte o Sítio Web:

Mire de Tibães	Pinus pinaster Aiton	pinheiro bravo	200
Tenões	Platanus x acerifolia	plátano	100
Mire de Tibães	Cedrus deodora	cedro do himalaia	90
Braga (São Vítor) S.Tecla	Quercus suber L.	sobreiro	150
Braga (São Vítor) S.Tecla	Quercus robur L. 3	carvalho-roble ou alvarinho	85
Braga (Sé) Palácio Biscainhos	Liriodendron tulipífera L.	Tulipeiro-da-virgínia	270
Tenões Elevador Bom Jesus	Quercus robur L.	carvalho-roble ou alvarinho	100

As mais belas florestas de Portugal.

As matas da Peneda Gerês

O Parque Nacional da Peneda-Gerês, criado em 1970 no âmbito do Ano Europeu da Conservação da Natureza, é a mais antiga área protegida do país. Com cerca de 72.000 hectares, ocupa uma região montanhosa que inclui grande parte das serras da Peneda, do Soajo, Amarela e do Gerês. Detentor de uma grande variedade de habitats e de uma biodiversidade de riqueza excepcional, tem um coberto vegetal de características únicas no país. É um dos últimos locais em Portugal Continental onde ainda se encontram ecossistemas pouco alterados pela ação do homem, e se podem observar verdadeiros bosques autóctones, com toda a diversidade e magia da natureza.

Soutos e castiçais – Castanheiro a árvore de fruto e madeira

O Castanheiro ocupa cerca de 60.000 hectares no nosso país, concentrados principalmente na Terra Fria Transmontana, onde encontra excelentes condições ecológicas. Ali assume elevado valor económico e faz parte integrante da cultura regional. No estado natural é uma essência disseminada como as restantes fruteiras da floresta, tais como as cerejeiras, macieiras e pereiras bravas e não uma espécie social como o carvalho ou o pinheiro que sempre apareceram em matas.

Mata Nacional do Buçaco

A Mata Nacional do Buçaco, com o seu extraordinário património botânico, paisagístico, arquitectónico, arqueológico, religioso, militar e histórico, constitui um espaço ímpar no nosso país. Situada na freguesia do Luso, concelho da Mealhada, tem uma área de 105 hectares vedados por um muro numa extensão de 5,3 quilómetros.

Mata Nacional de Leiria

A Mata Nacional de Leiria, também conhecida por Pinhal de Leiria ou Pinhal Real, situa-se na sua totalidade no concelho da Marinha Grande, de cuja superfície ocupa cerca de dois terços da superfície, a sul do rio Liz, nas dunas do litoral. Tem um área de 11.029 hectares dividida por arifes (sentido norte/sul) e aceiros (sentido nascente/poente) em 142 talhões de cerca de 35 hectares. A espécie largamente predominante é o pinheiro-bravo.

Tapada de Mafra

A Tapada de Mafra foi criada em 1747, no reinado de D. João V (o “Rei Magnânimo”), com o objetivo de proporcionar um adequado envolvimento ao Palácio-Convento de Mafra, constituir um espaço de recreio venatório para a corte e, ainda, abastecer o Convento em lenhas e outros produtos. É hoje a maior zona natural murada do país e fica situada no concelho de Mafra, a cerca de meia hora de Lisboa, com uma área total de 1187 hectares, rodeada por um muro de pedra e cal de 3 a 3,5 metros de altura, com 18 quilómetros de extensão e 8 portões de acesso.

Os bosques da Tapada incluem espécies como o pinheiro-manso e o pinheiro-bravo, o eucalipto, o plátano e diversos carvalhos como o carrasco, o carvalho-cerquinho, o sobreiro e a azinheira, cuja bolota é fundamental como alimento de cervídeos e javalis. Espécies características das linhas de água, como freixos, choupos, salgueiros e amieiros marcam também a sua presença.

Os Bosques de Sintra

A floresta de Sintra, rica em espécies atlânticas e mediterrânicas, marca a transição entre a vegetação do norte e do sul do país. Nela foi reconhecida a existência de 901 plantas autóctones, das quais sete são endemismos locais.

As Matas da Serra da Arrábida

A Serra da Arrábida, cadeia montanhosa calcária que se estende entre Palmela e o Cabo Espichel, representa um património extraordinário, sendo depositária de importantes valores culturais, históricos, paisagísticos e recreativos, além de valores científicos, como é o caso da vegetação, que, segundo alguns autores, não existe outra que se lhe compare em Portugal ou mesmo no mundo.

Os Povoamentos de Sobreiro e Azinheira

O sobreiro (*Quercus suber*) é no nosso país uma árvore de eleição – grande porte, longevidade, presença em todo o território e uma enorme importância económica, social, ambiental, paisagística, histórica e cultural – pelo que a poderemos considerar a árvore-símbolo de Portugal.

Caramulo

A mata da Penoita, é constituída, na maioria por carvalhos, bétulas e castanheiros.

Montesinho. A estrada florestal que vai da Aldeia de França até à casa florestal do rio Sabor, é um prazer para os olhos. Já na estrada que liga Vargês a Rio de Onor, na fronteira com Espanha, está repleta de florestas mistas de pinheiros e folhosas, com grande variedade de folhas, de cores e frutos.

Alvão

Esta serra possui zonas de densa floresta e de paisagens de grande amplitude, onde merecem especial destaque as quedas de água do Ermelo. Ao longo do vale do rio Olo, existem grandes castanheiros, carvalhos, loureiros, azevinhos, videiros, entre outras árvores.

Lousã

A serra da Lousã tem abundantes zonas de árvores, algumas muito bonitas e densas.

As Florestas dos Açores

As nove Ilhas de Bruma que constituem o arquipélago dos Açores, a 1800 quilómetros do continente europeu no Atlântico Norte, mantiveram-se isoladas do mundo até ao século XIV, o que permitiu conservar vestígios de flora de mundos gigantes de outras épocas, que apesar de raros ainda hoje podemos encontrar. Fazendo parte da Macaronésia, a sua floresta natural é constituída principalmente por faiais, florestas laurifólias e de ilex, zimbrais e urzais.

A Floresta Laurissilva da Madeira

A laurissilva consiste num tipo de floresta que remonta ao Terciário, abrigando seres vivos que existem desde esse período e outros que evoluíram desde então. Trata-se de um exemplo único das formações florestais que, até à Era Glaciária, ocuparam grandes áreas do Sul da Europa. Na actualidade, é na Ilha da Madeira que existe a maior mancha de laurissilva da Macaronésia e a que se encontra em melhor estado de conservação, ocupando uma área de aproximadamente 15.000 hectares, localizando-se a maioria na vertente norte, dos 300 aos 1300 metros de altitude, e no sul entre os 700 e os 1200 metros. Para além da diversidade biológica, outra riqueza da floresta laurissilva é a água. Este bem está sempre presente e faz com que esta floresta seja conhecida por “produtora de água”. Parte da água é recolhida e encaminhada por canais, as “Levadas”, para ser utilizada no consumo, na agricultura e nas centrais hidroeléctricas.

Bibliografia

Cabral, F. e Telles, G. (2005) A Árvore em Portugal. Assírio Et Alvim. Lisboa.

Fischesser, B. (2005) Conhecer as Árvores. Publicações Europa-América. Portugal.

Humphries, C. J., Press J.R. Et. Sutton, D. A. (2005) Árvores de Portugal e Europa. Guia Fapas. Fundo para a proteção dos Animais Selvagens. Câmara Municipal do Porto. Porto.

Vários, (2009) Floresta muito mais que Árvores. Autoridade Florestal Nacional. Lisboa.

A Assembleia-Geral das Nações Unidas declarou 2011 como o Ano Internacional das Florestas para deste modo sensibilizar a comunidade internacional para a necessidade de uma gestão sustentável, conservação e desenvolvimento sustentável de todos os tipos de florestas, sob o lema "Florestas para todos". As florestas são uma fonte de alimentos, de matérias-primas, de medicamentos e fornecem uma ampla gama de serviços ambientais, incluindo a conservação da biodiversidade, o abastecimento de água, o sequestro de carbono, o controlo de inundações e proteção contra a erosão do solo e a desertificação. Desempenham um papel vital na manutenção da estabilidade do clima global e do ambiente e são vitais para a sobrevivência e o bem-estar das pessoas em todo o mundo. As áreas protegidas, como por exemplo, as Reservas da Biosfera da UNESCO e os parques nacionais são considerados como uma das mais eficientes opções para a conservação das florestas. A UNESCO associa-se ao Ano Internacional das Florestas e conta com o apoio do Centro do Património Mundial, que tem mais de 100 sítios classificados e reconhecidos no todo ou em parte, pelas suas florestas ricas em biodiversidade. Atualmente, dos 760 mil quilómetros quadrados de sítios classificados como Património Mundial, cerca de 300.000 quilómetros quadrados, incluem florestas protegidas e estas funcionam muitas vezes como o principal refúgio para animais e espécies de plantas ameaçadas no mundo inteiro. Assim, é com grato prazer que a Comissão Nacional da UNESCO se associa ao Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas na dinamização desta efeméride e na coordenação, ao longo do ano, das atividades do Comité Português para o Ano Internacional das Florestas que se esperam muito profícuas em prol da conservação e sustentabilidade da floresta portuguesa.

Fernando Andresen Guimarães

(Presidente da Comissão Nacional da UNESCO)